

MEDALHISTAS OLÍMPICOS DO ATLETISMO: NOÇÕES DE RAÇA E GÊNERO QUE EMERGEM DE SUAS HISTÓRIAS DE VIDA

Paulo Nascimento, Katia Rubio

Universidade de São Paulo

São Paulo, SP – BRASIL

paulonascimento@usp.br Apoio financeiro: CAPES/ Fundo Sasakawa/ CNPq

Introdução: a primeira edição dos Jogos Olímpicos da Era Moderna, em 1896, inaugurou o Olimpismo formulado por Pierre de Coubertin, que idealizou nos Jogos o grande momento de exercício dessa prática. Inspirado pelo modelo esportivo inglês, que preconizava a igualdade de oportunidades, o estímulo à competição, a produtividade e a quantificação de resultados, o Olimpismo defende o desenvolvimento físico aliado ao intelectual, a excelência, a nobreza, a harmonia entre as nações e a prática esportiva amadora. Com o seu caráter de espetáculo na sociedade contemporânea intensificado, o modelo profissional da organização dos Jogos ramificou-se aos atletas. Diversas manifestações de movimentos sociais que marcaram o século XX reverberaram nos Jogos, sendo os movimentos de discussão sobre raça e gênero dois deles. O contexto político brasileiro que emergiu em meados dos anos 80 do século XX possibilitou que os debates e os produtos dos movimentos sociais de mulheres e de negros se expandissem, materializando-se em diversos nichos da sociedade. Se investirmos um olhar para o esporte olímpico brasileiro em face dessas questões, será possível notar que o atletismo, modalidade das que mais garantiram medalhas olímpicas para o Brasil na história (quatorze), compõe um grupo de atletas medalhistas que em sua maioria são homens e afro-descendentes, exceção feita a apenas uma atleta – exceção de raça e gênero. **Objetivos:** verificar como questões concernentes à raça e gênero estão postas para os medalhistas olímpico do atletismo, e o impacto dessas questões na carreira e na vida desses atletas. **Método:** A opção por Histórias de Vida aqui se deu pelo interesse em verificar subjetividades, tensões e latências próprias ao discurso oral, e foi aprovada junto ao Comitê de Ética em Pesquisa da EEFPE-USP sob o número protocolar 2009/12. **Resultados e Conclusões:** Grande parte da literatura em Educação Física no Brasil, quando se dispôs a tratar de questões referentes à raça e gênero, o fez fundamentalmente por referenciais das Ciências Biológicas. Já nas Humanidades, percebe-se uma significativa produção empenhada em desatrear qualquer hierarquização de raça e gênero a posicionamentos éticos, morais ou sociais. As discussões sobre gênero na Educação Física aparecem em algumas obras interessadas em versar sobre a prática esportiva feminina e seus desdobramentos sociais, como há também literatura sobre como a Educação Física encampou, em um dado período histórico, perspectivas eugênicas. No entanto, o trato de questões raciais, com a perspectiva de ser esta uma discussão sociocultural e não fisiológica, está para ser feito. Com essa investigação, foi possível perceber pelas histórias de vida desses atletas a sinuosidade das discussões sobre raça e gênero no esporte olímpico brasileiro. Para pessoas que assumem o desafio de superar as adversidades em prol do êxito no esporte de alto-rendimento, apontar a discriminação em suas vidas pode ser tido como obstáculo não-superado, maculando assim o que se espera de um campeão.

Palavras-chave: atletismo; raça; gênero;